

BASH BACK!

Morreu;

BASH BACK!

Para Sempre!

Notas Finais

É embaraçoso falar em Conclusões – anunciar o fim de um projeto, sair dele. O que é mais difícil é refletir sobre nossas atividades, aprender com nossos erros e reconhecer nossas conquistas. Não obstante, trata-se de uma habilidade que anarquistas precisam desenvolver. Em um momento em que antigos modelos de organização anarquista estão desmoronando e transformações bizarras das táticas e éticas anarquistas estão se espalhando como um incêndio, uma prática de autocrítica pode se mostrar como uma arma extremamente perigosa. O que se segue é a tentativa de um participante em fazer um balanço da tendência Bash Back! em termos gerais, escrita na busca por uma tendência queer

insurrecionária mais feroz. Se você achar minhas palavras caóticas, espero que entenda este caos como sendo um reflexo da queeridade e anarquia intrínsecas a este projeto.

Sobre o Partido

Falar sobre a morte de uma organização geralmente denota um evento negativo, mas isso se baseia na suposição de que a permanência organizacional é algo bom. Ultrapassando essa suposição, surge a pergunta: nós alcançamos nossos objetivos com essa organização, esse método, essa ferramenta? Se a resposta é afirmativa, se a organização foi forçada ao seu limite, talvez sua morte seja merecida. Se a Bash Back! está morta, o ressurgimento em atividades e redes queer anarquistas permanece. Agora existem relações que jamais teriam existido se o Bash Back! nunca tivesse ganhado vida. Quando nossos projetos atingem o fim de sua utilidade, deixá-los ir não é uma fonte de preocupação.

on the demise of bash back!
[sobre o legado da Bash Back!]

As dificuldades relativas á conclusão são exponencialmente mais complicadas quando lida-se com um assunto tão difuso e evasivo quanto a Bash Back! Durante a sua existência, sempre houve um excesso de interpretações do que foi a Bash Back! Uma rede de anarquistas queer, uma gangue, uma tendência, uma organização terrorista de dissidentes sexuais, uma *forma-de-vida*, um grupo teórico: a resposta difere dependendo de a quem se pergunta. Talvez a resposta correta é que Bash Back!, fiel à forma queer, problematiza cada uma dessas categorias. Qualquer análise de Bash Back! Falha se não reconhece a necessidade de entender cada uma dessas possibilidades em si mesmas e, ainda assim todas juntas.

Como uma rede formal (uma rede que, digamos, poderia ser denominada como réu numa ação judicial) Bash Back! está certamente mortx. Como a amável terrorista do direito cristão e a igualmente esquerda lgbt, é claro que nunca existiu fora de um espetáculo. Como uma tendência teórica, os pressupostos centrais que estão no coração da Bash Back! continuam a impulsionar – *negação sexual, motim de gênero, não somos suas irmãs, baedan, sujeira e glitter, corpos criminosos*¹ – muitos canais e máscaras de um

¹ “*queer negation, gender mutiny, not yr cister, baedan, filth and glitter, outlaw bodies*” no original. Tratam-se de tendências dentro dos circuitos

compromisso incondicional e implacável para com aquilo que há de negativo e rebelde no coração da queericidade². Como um conjunto de táticas de gangue, Bash Back!, indubitavelmente vive. Ainda que estejamos criando uma antologia, nossa tarefa prolifera infinitamente: mais nazistas tendo seus crânios abertos por bichas, mais queers amotinando-se por simples prazer, mais uma igreja atacada, um relato jornalístico confuso sobre uma gangue queer particularmente violenta no centro da cidade. Advogados para pagar, camaradas presxs para escrever, relacionamentos para curar, amizades para manter, amantes para abraçar – em muitos aspectos, este panegírico só esconde uma dor de cabeça que está em curso para muitxs dxs envolvidxs no projeto. Das muitas formas quanto Bash Back! pode ser declaradx mortx, sua essência vive para além túmulo, assombrando o mundo heterossexual. É por isso que dizemos que “Bash Back! morreu”, e ao mesmo tempo “Bash Back para sempre!”

Qual é o nosso objetivo? A resposta desta questão pressupõe e determina todo o resto. Nós

queer-anarquistas e queer-insurrecionárias que expressam uma crítica anti-assimilacionista, anti-social e anti-normativa. N. da R.

2 *Queerness*, no original. Trata-se das propriedades ou do caráter de ser, estar, ou melhor, de devir-queer. N. da R.

queremos uma versão mais legal, amigável, diversificada, inclusiva, radical, hipermediada e menos fodida desta sociedade? Ou nós queremos vê-la queimar? Estamos interessadxs em progresso ou estamos interessadxs em ruptura? Vamos nos contentar com tudo isso, desde que um pouco diferente? Ou nós somos insaciáveis? Se você quer um capitalismo queer, por favor, fique em casa. Se você quiser destruir o capitalismo, nos vemos em Denver.

questions to be addressed before denver
[questões a serem abordadas antes de Denver]

Embora o caráter único e indeterminado da Bash Back! seja o principal responsável pela sua rápida propagação e também pela sua energia imprevisível, ele também, certamente carregava dentro de si as sementes dos seus eventuais rachas e de sua dissolução final. Outras peças nesta antologia fazem um trabalho minucioso ao articular a ascensão e queda de Bash Back! enquanto um projeto, e valem a pena ser lidos na íntegra (a saber, “On the Demise de Bash Back!/ Sobre o legado de Bash Back!” e “Questions to be addressed before denver/ Questões a serem abordadas antes Denver”). Ao invés de continuar a citar essas análises prolongadamente, eu tentei, no que se segue, desenhar e

navegar os problemas e tensões específicas que floresceram na Bash Back! e celebrar o seu potencial. Com essa finalidade, nas páginas seguintes eu articulo uma narrativa desses conflitos especificamente em torno das questões de Violência e Identidade.

Deve ser notado que, talvez, uma das mais perigosas confusões em torno da Bash Back!, estava relacionada com a sua forma em si. Mais digno de atenção do que todos os rachas a respeito de violência e identidade, eram as oscilações entre ações públicas e clandestinas. Do ponto de vista da segurança, a atribuição do mesmo nome tanto para potlucks³ quanto para ataques criminosos, provavelmente não é algo muito sábio. E ainda, a partir da perspectiva da experimentação selvagem em termos de conflito, é precisamente esta indistinção que fez da Bash Back! algo tão interessante.

Na nossa revolta, estamos desenvolvendo uma forma de jogar. Esses são os nossos experimentos em termos de autonomia, poder e força. Nós não pagamos por nada que estamos vestindo e raramente pagamos por comida. Roubamos do nosso trabalho e fazemos umas maracutaias para

³ Tipo de festa popular, pequena e relativamente íntima nos EUA, onde cada convidadx trás de casa um prato pronto para compartilhar. N. da R

sobreviver. Nós transamos em público e nunca gozamos com tanta força. Compartilhamos dicas e fraudes em meio à fofocas e akuendações. Nós saqueamos a porra toda e temos prazer em compartilhar a recompensa. Destruímos coisas à noite, damos as mãos e vamos saltitando pra casa. Estamos aumentando cada vez mais nossas estruturas de apoio informal e sempre teremos o apoio uma das outras. Em nossas orgias, motins e assaltos, estamos articulando a coletividade e aprofundando essas rupturas.

criminal intimacy
[intimidade criminosa]

Uma maneira de descrever esse potencial seria através do conceito de “forma-de-vida”, definida por Giorgio Agamben como uma vida que não pode jamais ser separada de sua forma. “Ela define uma vida – a vida humana – na qual os modos singulares, atos e processos do viver não são mais simplesmente *fatos*, mas sempre e antes de tudo *possibilidades* de vida, sempre e antes de tudo *potências*.” Seguindo esta definição, desejo de articular uma forma não-ativista e não-identitária de compreender e falar sobre o assunto que foi moldado através do projeto Bash Back!

Ao descrever aquelxs participantes da Bash Back! como uma forma-de-vida, estou fazendo um esforço para descartar uma gama de conceitos e modos de pensar que devem ser inteiramente inúteis para nosso avanço. Particularmente, eu quero acabar com as noções de ativismo de identidade e política de identidade. A Bash Back! não deve ser entendida como uma sequência de esforços ativistas, nem mesmo como uma articulação de uma política de identidade militante (na medida em que pode-se ser identificadxs deste modo, isto já significa uma derrota). Bash Back! nunca se tratou de questões ou políticas queer. Em vez disso, o projeto tomou como ponto de partida as vidas de seus participantes. Ao invés de objetivos vitimizantes e caridosos, regurgitados até a náusea em círculos de ativistas, a tendência Bash Back! tomou como ponto de partida a vida queer em si. Aquelxs dentro dessa tendência, organizaram um espaço no qual elxs poderiam realmente viver, e uma rede, através da qual pudessem defender esse espaço. Eu experienciei a Bash Back! enquanto uma amálgama de desejos, disposições, atos, processos, gestos e cumplicidades. A Bash Back! está tão envolvida em atos criminosos como em prática sexual, tanto em estratégia como em estilo. O processo de Bash Back! e o surgimento de

sua respectiva de forma-de-vida, exige ser lido menos como um 'que' ou um 'quem', do que como um *como*. Esse *como* é o *como* de organização, mas também o da sobrevivência, da violência, do amor, da vida em si mesma. E assim, quaisquer que sejam as limitações que Bash Back! teve, é o 'como' que verdadeiramente demonstra o potencial insurrecional que eu celebro.

Como a Não-Violência protege x Hétero

Uma bicha é surrada porque sua apresentação de gênero é muito feminina. Um homem-trans pobre não pode pagar por seus hormônios vitais. Um(x) profissional do sexo é assassinadx pelo seu cliente. Um(x) pessoa queer é estupradx porque elx "só precisava de uma foda corretiva". Quatro lésbicas negras são enviadas para a prisão por se atrever a defender-se contra um atacante cis-hétero. Policiais nos espancam nas ruas e os nossos corpos estão sendo destruídos pelas companhias farmacêuticas porque não podemos dar-lhes dez centavos.

Rumo a Mais Queer das Insurreições

Enquanto eu me sento para escrever estas notas finais, uma sequência preocupante de eventos está se desdobrando ao redor do mundo. Um movimento de esquerda populista bizarro emergiu, um movimento que se apropria da linguagem (“ocupar tudo!”) e da forma (consenso, assembleias, etc) anarquista, e no entanto, esvaziou-o de qualquer conteúdo anárquico. Mais ainda, o sentimento majoritário entre os novos ocupantes parecer ser uma extremamente confusa, no entanto dogmática adesão à “não-violência”. Na maior parte das novas ocupações isto tem se mostrado como uma rigorosa e quase obsessiva obediência à polícia, uma recusa absurda e a-histórica de lutas de resistência anteriores, e uma denúncia veemente (e, ironicamente, violenta) de todxs aquelxs que ousam desafiar a hegemonia pacifista.

No contexto de tamanho mal-estar e asneiras bajuladoras, é refrescante revisitar os textos antologizados neste livro. Bash Back! (Espancar de Volta!), o nome carrega dentro de si tudo o que deve ser dito sobre violência: um conjunto violento de atividades que responde à uma violência anterior. Mais do que algo a ser temido ou rejeitado, Bash Back! toma como ponto de partida a realidade da violência no contexto da vida queer. É por isso

que dizíamos que dentro da tendência Bash Back! realmente não havia a questão da violência. Não como uma questão moral ou política, para os participantes da rede, a violência tem sido experimentada como uma realidade vivida, um conjunto de questões táticas, uma ética da guerra.

Esta antologia traz consigo todo um discurso sobre a violência que é exclusivo ao meio em que ele surgiu. Essas vozes localizam-se dentro de uma leitura da história de resistência queer, uma leitura que abraça o transbordamento de momentos violentos. Textos como “Rumo a Mais Queer das Insurreições” e “Chronology of Genderfuck Insurrection [Cronologia da Insurreição Genderfuck] exploram tendências históricas divergentes e sobrepostas de violência queer esquecidas: de revoltas genderqueer medievais na Europa, ao motim da Cafeteria Compton’s⁴ e à rebelião da “Noite Branca”,⁵ em São Francisco.

4 Trata-se de um levante trans-gênero que ocorreu em São Francisco (EUA) em 1966. Um policial assediou uma mulher trans, que revidou, jogando seu copo de café na cara do policial, que tentou prendê-la, desencadeando um enorme levante. N. da R.

5 Trata-se de uma onda de respostas violentas ao julgamento brando de Dan White, acusado de assassinar o político pró direitos dxs homossexuais, George Moscone, e do político gay e militante, Harvey Milk. Em 21 de 1979, numa marcha que começou pacífica, ao chegar na frente da prefeitura de São Francisco, um grupo de bichas, sapos e trans raivosas iniciaram um motim, destruindo propriedades, vitrines, lojas e incendiando o que viam. Foi apenas o começo...

Embora tais tentativas de estabelecer cronologias para essas resistências venham sempre a sofrer por gerações de silêncio e apagamento, elas conseguiram articular uma corrente trans-histórica que flui através do presente, e lava a experiência vivida de seus/suas autorxs e leitorxs. Esta leitura da história poderia provar-se ser uma ferramenta valiosa para xs anarquistas queer, na medida em que elxs tentam navegar e perturbar o mar de merda que é a reescrita Pacifista da resistência, que cobre as lutas sociais atuais.

O uso cotidiano da violência por partes de queers, com propósitos de sobrevivência, auto-defesa ou vingança é, muitas vezes, silenciado e obscurecido por tudo uma gama de dispositivos de armário⁶. Gerações inteiras de gangues de rua queers, comunas de putas armadas, corridas bancárias para apoiar vítimas da AIDS e bichas arremessadoras de tijolos – foram esquecidas por todxs; a não ser na forma de uma mitologia herética, passada de amamente para amante. Mais do que qualquer outra coisa, essa coletânea de comunicados deve servir para ilustrar uma nova forma de comunicação no que diz respeito a violência. Para a Bash Back!, o uso da violência faz parte da resistência, e a

⁶ Closeting apparatus, no original. N. da R.

sobrevivência sempre é algo a ser celebrado. A violência reivindicada nesses comunicados vão desde perspectivas hiper-pessoais à perspectivas excessivamente políticas: brigas de bar contra agressores, pauladas em homofóbicos e fascistas, distribuição de sprays de pimenta entre queers e motins de grupos queers. As vezes, a oscilação do pessoal ao político pode deixar-nos tontxs: destruidorxs queers atacadx num motim ou dentro de uma delegacia de polícia; atacadx como forma de expiação por uma vida inteira de traumas. Ao compartilhar essas histórias, a Bash Back! atuou no sentido de expor a ainda silenciosa, mas raivosa guerra social que permeia as experiências vividas de muitxs queers. Esse comunicado em si, já é um ato radical, um ato que procura traçar linhas para ligar lutas individuais à uma constelação de ultra-violência à serviço da vida queer. Suicídio juvenil, espancamento de queers, o genocídio promovido pela AIDS, exclusão nas fronteiras, servidão nas prisões: a violência experienciada pelas pessoas queers é multiforme e está em expansão. Assim, a resistência a essa violência também deve ser algo fluido e difuso. Essa coletânea não oferece uma resposta única, mas uma gama de sugestões.

É importante assinalar também, que a Bash Back! não se preocupa somente com a violência queer explícita. Mais do que isso, seu discurso enfatiza o ato de *queerizar* a violência. Isso significa dizer que xs participantes buscavam visibilizar e demonstrar solidariedades com todxs aquelxs que rompiam o tecido da violência hegemônica. Começando pela máxima insurrecionaria que afirma que *solidariedade significa ataque*, as células Bash Back! construíram ações de solidariedade com uma série de outras lutas. Elxs fizeram motins em solidariedade com a Insurreição de Dezembro na Grécia, apesar de pessoas falarem que a insurreição não tem relação nenhuma com a queeridade. Elxs comemoraram as rebeliões nas ruas de Oakland e nos campos da Universidade da Califórnia, mesmo que as suas lutas eram frequentemente ignoradas por participantes anarquistas nestas mesmas lutas. Elxs foram o primeiro grupo anarquista a fazer declarações em solidariedade ao tiroteio em que cinco policiais foram baleados em Oakland, enquanto o resto ainda estava muito tímido pra fazê-lo. Tudo isso é para dizer que uma teoria queer da violência, deve se focar nas vias que a forma-ataque pode desestabilizar identidades estáticas e mapear caminhos em

direção à canais de comunicação e de solidariedade inauditos.

A nossa violência é substancial ou imagética? Nós estamos brincando quando escrevemos sobre violência? O que significa aquela foto, em que maravilhosas estão segurando tacos de baseball e marretas? É apenas simbolismo? É real? Bash Back! [Surrar de Volta!] significa alguma coisa? Aqui a estrada se bifurca. As queers radicais continuarão no caminho da imagem da militância, da irrelevância? Se a resposta for afirmativa, nós podemos esperar muito mais vídeos e fotos mostrando uma luta armada (uma espécie de RAF com glíter) glamorosa. Nós podemos esperar mais comemorações de revoltas daqui há 40 anos e mais levantes em todos os continentes (acompanhado, logicamente, por uma condenação das revoltas no aqui e agora – pelo xororô por vidraças quebradas e lixeiras incendiadas). A violência será aceitável, desde que tome a forma de uma abstração, a forma da arte, um fato histórico ou um ponto no *feed* de notícias global – quando estiver separada de nós. Ela sempre será negada ao nível de nossas vidas

cotidianas, quando nós nos tornamos xs agentes.

questions to be addressed before denver
[questões a serem discutidas antes de denver]

Enquanto xs editorxs dessa antologia, e os textos que selecionamos, apresentam uma tendência coerente no que diz respeito a violência (espancando de volta!), é importante contextualizar essa coerência enquanto resultado de um conflito bem real dentro da Bash Back!, conflito que se centrou primeiramente, na convergência de 2009 em Chicago. Posto que foi o segundo encontro desse tipo em Chicago, foi o primeiro desde que a Bash Back! tomou o centro do teatro da revolta queer. Consequentemente, “QUEER-ANARCHY AFTER LEFTISM” houve um aumento notável de pessoas que não estavam envolvidas no surgimento da Bash Back! no Meio-Oeste. Muitas dessas pessoas vieram da Costa Leste e Oeste. Mais importante, elas vieram de mundos com queeridades diferentes. O projeto inicial das células Bash Back! do Meio-Oeste e Sul era construir espaços queer dentro da luta anarquista, principalmente em espaços anarquistas héteros e heteronormativos. Contrariamente, xs recém-chegadxs das costas vinham, em grande parte, de cenas “queer radicais”

ou programas de estudos de gênero em faculdades de arte progressivas estáveis. Para muitos, o seu passado prejudicava irremediavelmente suas análises a respeito da violência. Ao invés de estratégias de resistência ativa e autônoma, elas enfatizavam a comunicação não-violenta, processos de consenso sufocante, manifestações de calçada temáticas (de preferência colorida) e teatro de rua. Em Chicago, esses mundos colidiram.

A questão central das merdas que se seguiram, mostraram que isso não passou de uma festa louca que se transformou numa marcha espontânea rumo à boystown. Como era de se esperar, manifestantes arremessaram objetos pelas ruas e a galera pirou. Mas, para o horror absoluto das Bash Back! insurgentes, os participantes da marcha retiraram os objetos das ruas e se lamentaram sobre protesto pacífico (não muito diferente daqueles pacifistas dogmáticos, que constantemente ficam tentando policiar as manifestações que rapidamente fogem de seu controle). O resultado desse intercâmbio foi uma tempestade de gritarias e trollagens na internet, o que assinalou a primeira grande polarização na Bash Back! Outros trabalhos nesta antologia documentam mais profundamente essa polarização (mais especificamente A

Response to the Anarcho-Liberal Takeover of Bash Back! and Questions to be Addressed before Denver.)

Para aqueles que se sentiam mais próximos do lado da destruição total, o conflito foi totalmente inesperado. Nós sabíamos da existência de queers esquerdistas, mas nós não sabíamos que muitos deles disfarçavam seu pacifismo com uma estética confrontacional. Na verdade, muitas dessas ovelhas em pele lobo fora uma inspiração inicial para a Bash Back! (grupos como Gay Shame em São Francisco ou Naughty North em Maine, falavam incessantemente sobre revoltas queers e faziam filmes ou textos glorificando a resistência violenta, e mesmo assim denunciavam aqueles que buscavam lutar com eles aqui e agora. Eles celebravam as revoltas que estava separada deles por décadas ou por um oceano, enquanto sabotavam ativamente esforços similares onde eles viviam). Nós ficamos chocados com o fato de que aqueles que faziam filmes sobre bombardeios, fuga de prisões ou usavam patches de armas, estavam demonizando aqueles que se engajavam em destruição de propriedade ou em autodefesa violenta. A realidade: os queers descolados que queriam construir as suas carreiras como queers radicais, seja enquanto acadêmicos ou cineastas são, de fato, escravos da abstração. Eles buscam

capitalizar social e monetariamente através da imagem da revolta queer, enquanto não contribuem com nada para possibilitá-la.

Essa atitude, essa que silencia e folcloriza a possibilidade da revolta queer não é exclusividade dxs assim chamadxs queers radicais. É igualmente presente em pessoas heterossexuais, mesmo entre nossos camaradas anarquistas heterossexuais. Exemplos claros dessa tendência podem ser vistos em grupos anarquistas hétero-hegemonizados como o Comitê de Boas-Vindas aos protestos contra a Convenção do Partido Republicano ou a Crimethinc. Previamente a Convenção Nacional do Partido Republicano em 2008, membros do Comitê de Boas-Vindas (o subterrâneo corpo organizacional anarquista dos protestos) se referiam publicamente aos planos de bloqueio da Bash Back! como “fofo”, comparado como a presumida radicalidade das hétero-barricadas. Isso aconteceu, mesmo com o fato de toda propaganda dos bloqueios da Bash Back! na convenção fazerem referências explícitas a revoltas queers do passado e também dos esforços do pessoal da Bash Back! em resistir contra a polícia e os republicanos. Os bloqueios acabaram entrando em confronto com a cavalaria policial em membros da Igreja Batista de Westboro. O

bloqueio ganhou apenas uma única menção no número da *Rolling Thunder* (uma revista da Crimethinc) que foi dedicado à resistência na Convenção. Isso foi só um exemplo antigo da recusa da Crimethinc em reconhecer o potencial insurrecionário de seus/suas camaradas queers. Na cobertura completa dos protestos e motins contra o G20 em Pittsburgh, feita pela sua revista, eles descreveram a marcha pela libertação queer (o que acabou se tornando a mais brutal e radicalizada) como sendo “de temática Bash Back!”; seu único reconhecimento do conteúdo queer dos protestos. Em outras palavras, a luta queer, que foi o próprio motivo da revolta, virou um slogan simbólico para xs amotinadx. Enquanto ofereciam análises infundáveis sobre a organização e estratégia sobre os ditos conflitos de tua, eles ignoraram o fato de esta foi a revolta queer mais violenta de toda uma geração dos EUA. O insulto foi mais exacerbado no posterior artigo da Crimethinc “Say You Want na Insurrection”⁷. Em sua crítica do anarquismo insurrecionário estadunidense, não existe uma única menção a Bash Back! ou pela enorme atividade subsequente dxs auto-proclamadx queer anarquistas. O artigo chega ao absurdo ao criticar a valorização da violência por

⁷ *Diga Que Você Quer Uma Insurreição*, Tradução Hurrah, Rio de Janeiro, 2011. hurrah@riseup.net N. da R

“insurrecionários”, cuja Crimethinc descreve como pessoas que nunca experienciaram a violência – uma crítica que só é possível ao ignorar completamente a existência da Bash Back! e as experiências de seus membrxs. Alguem pode colocar que no terceiro número da *Rolling Thunder*, a Crimethinc publicou um artigo sobre revoltas queers que aconteceram há uma década atrás. Nós aplaudimos eles por seu gesto, mas a questão permanece: porque uma publicação anarquista contemporânea, focando em lutas anarquistas contemporâneas ignora o que é uma das maiores redes anarquistas dos EUA? Porque é prudente reconhecer queers insurrecionárixs de gerações passadas, e não mostrar solidariedade ou relatar suas lutas no presente? Enigmático.

Embora não tenhamos nenhuma intenção em oferecer desculpas pra essa atitude, quer seja por parte de “queer radicais” ou de anarquistas héteros, essas são apenas pegadas, no que é um discurso hegemônico a respeito da violência muito mais amplo. Queers são marcadx como vítimas, enquanto a violência é entendida como uma ferramenta exclusiva dos dominadores. O projeto anarquista queer, incorporado pela Bash Back! é em primeiro lugar, e antes de tudo uma recusa à vitimização e uma retomada da

violência roubada de nós pela ideologia progressista e usada contra nós por homofóbicos agressores e pelo Estado. Foi crucial para a Bash Back! romper com aqueles que se recusavam a reconhecer a importância dessa retomada. Serviu pra deixar mais coerente e sólido a tendência queer insurrecionaria em torno da questão da violência, enquanto já entrevia os rachas que iriam acontecer. A partir desse ponto, conflitos entre tendências (especificamente em torno das questões identidade/política) viraram disputas entre diferentes perspectivas teóricas, em que a disposição à violência foi assumida.

Crise de Identidade

É evidente que pelo fato das identidades moldarem nossas experiências, não podemos considerá-las como algo sem importância. Entretanto, é igualmente evidente que não podemos sustentar a manutenção de identidades que nos são impostas. Desta forma, uma aparente contradição surge entre a necessidade de reconhecer a identidade como algo socialmente construído e a tentativa simultânea de destruir a sociedade de classes que impõe tais identidades.

Esta contradição se revela difícil, com um leque de respostas que vão de uma negligência em relação à destruição da sociedade de classes à negligência para com as identidades, e muitos outros argumentos que estão em algum lugar entre estas duas posições.

Identity, Politics and Anti-Politics
[Identidade, Políticas e Anti-Políticas]

Como mencionado na seção acima, após alguns círculos dentro da Bash Back! terem se livrado completamente de tendências liberal-pacifistas, conflitos futuros poderiam entrar em cena entre militantes ou insurgentes que diferiam em relação à questão da identidade. Embora tais conflitos acerca da violência muitas vezes se desenrolaram de maneira paralelas às discussões sobre identidade, eu particularmente, me preocupo com aquelas discussões sobre identidade que tomam a violência como um pressuposto. Isto servirá para esclarecer um conjunto de questões e conflitos que emergiram com um caráter único dentro da Bash Back! Uma forma de visualizar este conflito é entender as partes como, de um lado, Militantes de Políticas de Identidade – e, de outro lado, anti-identitárixs. Um lado enxerga identidade como um pressuposto e uma pré-

condição que deve moldar nossa organização e luta, enquanto a outra parte localiza a identidade como um inimigo em si. As posições dentro deste conflito não eram estáveis: indivíduos e grupos dentro da tendência Bash Back! poderiam incorporar uma dessas posições ou ambas ao mesmo tempo. Vou evitar muitas das especificidades destes conflitos, já que muitas delas precisam permanecer abstratas, e outras não são minhas para contar. Ao invés disso, vou me concentrar na fundamentação teórica deste confronto e deixarei espaço para aqueles que a experienciaram se localizem nesta leitura.

Este problema dentro da Bash Back! é bastante característico, da mesma forma em que também é um problema queer. A Queeridade por si mesma, já é um território contestado, aberto à infindáveis debates e críticas. Para um determinado grupo de pessoas, queeridade é um projeto positivo, com seu próprio conjunto de normas e formas-de-comunidade. Para outras, a queeridade só pode se concebida de forma negativa, como aquilo que excede ou fracassa em cumprir um conjunto de normas. Deste modo, Queer passa a ser uma catacrese ou um nome dado erroneamente àquilo que não pode ser nomeado. Um rótulo dado àquilo que não pode ser rotulado. Posições dentro da

Bash Back! escolheram seus pontos de partida, a partir de uma vasta gama de posições dentro desta matriz teórica complexa. Existe uma discussão a ser feita, onde pode-se afirmar que a posição de alguém sobre o debate era muitas vezes diretamente originária do próprio background (anti-político) de tal pessoa. Aquelxs que vinham dos estudos de gêneros para o Bash Back! tendiam a se comportar como as tropas de choque militante de qualquer doutrina que aprenderam de suas/seus professorxs. Aquelxs ligadxs à círculos anarquistas insurrecionais tendiam a ter uma forte aversão (por vezes, talvez demasiado dura) à luta com bases identitárias, concentrando-se, em vez disso, em localizar pontos de conflito dentro da identidade em si. Aquelxs que vieram de cenas queer estabilizadas trouxeram consigo uma série de expectativas em relação ao comportamento e à linguagem das pessoas – expectativas que, muitas vezes não eram familiares para aquelxs que eram de fora dessas panelinhas. O que é tão queer sobre o conjunto de conflitos em jogo dentro da Bash Back! é que cada uma destas posições era permeada pela outra, e uma grande variedade de perversões emergiu.

Eu gostaria de oferecer uma certa síntese do que emergiu de muitos desses conflitos, que poderiam revelar-

se produtivas para anarquistas em lutas futuras: a experiência deve ser a base da luta. Se esperamos nos envolver em lutas materiais contra a ordem social, devemos começar a partir das formas pelas quais experimentamos essa ordem. Isso significa que aqueles que compartilham um conjunto de experiências comuns sob o capitalismo, terão uma vantagem natural em construir alianças contra a sociedade. Este é o núcleo de verdade no coração da identidade. Infelizmente, este núcleo é obscurecido camada por camada, de abstração e mistificação produzidas pelas identidades políticas. Qualquer esforço para construir um poder autônomo, baseado na posição de alguém dentro e contra a sociedade, deve começar por desiludir-se da bagagem das Políticas de Identidade.

Aqui vai um rápido esboço de certas posições políticas anti-identitárias destiladas pela Bash Back!.

- Políticas Identitárias sempre são baseadas no nivelamento de experiência, tornando a crítica da sociedade abstrata, ao invés de algo vivido.
- Políticas Identitárias promovem aliança entre classes, oferecendo assim àqueles com mais poder (e portanto um interesse na proliferação da sociedade de

classes) elementos para silenciar xs mais marginalizadxs dentro de tais alianças

- Políticas Identitárias estão enraizadas na ideologia da vitimização e, deste modo, celebram e reforçam as normas em torno de atividades das quais pessoas são permitidas ou capazes de participar. Esta dinâmica se desenrola reforçando certas mitologias sobre lutas (isto é, "apenas homens-cis-brancos participam de black blocs" ou "pessoas oprimidas são incapazes de certas estratégias de revolta").

- Políticas Identitárias são sempre baseadas na falácia de comunidades coerentes.

Algumas pessoas francesas uma vez disseram que "Há maiores diferenças éticas no seio das comunidades do que entre elas". Isso quer dizer que pessoas presas dentro de certas "comunidades" ou confinadas em identidades muitas vezes têm menos em comum uma com a outra do que elas têm com aquelas que elas supostamente se opõem. Essa falácia floresce na abstração da experiência, ao invés de na análise da própria experiência vivida. Uma queer na prisão tem mais em comum com o/a⁸ sua/seu companheiro/a de

⁸ Os marcadores de gênero foram usados aqui no feminino/masculino propositalmente, já que x autorx se refere especificamente a pessoas heterossexuais. Acreditamos que colocar um marcador neutro ("x", por

cela hetéro do que com algum senador gay babaca, e ainda assim, a mitologia da “comunidade queer” serve para sufocar xs inimigxs da sociedade e subjugá-lxs aos suas/seus representantes auto-nomeadx.

- Políticas Identitárias são fundamentalmente reformistas e tentam encontrar uma relação mais confortável entre diferentes posições sobre um assunto, ao invés de, desde o começo, abolir as estruturas que produzem tais posições. Políticxs identitárixs se opõem à “divisão de classes” ao mesmo tempo em que se contentam em deixar a sociedade de classes intacta. Qualquer resistência à sociedade deve se basear na destruição dos processos de subjetivação que reproduzem diariamente a sociedade, e deve destruir as instituições e práticas que racializam e sexualizam⁹ corpos dentro da ordem social.

exemplo) poderia obscurecer zonas de conforto e privilégios de pessoas cis-hétero, por trás de uma aparente não marcação ou deserção de gênero. N. da R.

⁹ *Engender*, no original. Apesar dos processos de marcar sexualmente ou em termos de gênero determinados corpos, serem diferentes, optamos por manter o termo *sexualizar* em função de limitações de vocabulário e das próprias “estruturas” gramaticais da assim chamada língua portuguesa. N. da R.

- Políticas Identitárias são implantadas pelo, inerentemente referem-se ao, sempre valorizam e são em si mesmas do Estado.

Levando essa análise a sério, Bash Back! pode ser visto como uma tentativa de forjar uma prática de resistência da experiência vivida, fora da lógica das Políticas Identitárias. Apesar de não ser de autoria de participantes da Bash Back!, incluímos um texto de anarca-feministas de São Francisco intitulado “Anarca-feministas V ão às Ruas”. Este trecho, publicado simultaneamente com a *Crise de Identidade* da Bash Back!, oferece uma forma extraordinária e única, tanto para conceitualizar o patriarcado, quanto para resistir à ele. Citando:

Ironicamente, apesar de nossas críticas – e, por vezes, de nosso ódio – às Políticas Identitárias, nos encontramos unindo-nos agrupando-nos em torno de uma identidade (um pouco avulsa): somos algumas pessoas que não querem mais ser vítimas da tirania de gênero e da misoginia. Com este agrupamento esperamos contornar, até certo ponto, nosso gênero e o que isto significa para nós quando estamos vivendo nossas vidas neste mundo dos Homens, para que possamos ter alguma noção sobre como e o que

pode vir a ser não ter a dinâmica de gênero influenciando cada interação. Nós nos reunimos para lutar por uma realidade onde as identidades de "homem", "mulher", e "trans" sejam impossibilidades lógicas.

Vou seguir x(s) autorx(s) do *Anarcha-Feminist communiqué* (Comunicado Anarca-Feminista) quando elxs enxergam-se em união por seus desejos e disposições, e não por suas identidades. Sem referência a um assunto comum ou estável, xs autores deste trecho oferecem um ponto de partida para a construção de uma força anti-essencialista e anti-identitária para combater o patriarcado. No contexto do ressurgimento do feminismo de segunda onda em círculos anarquistas/comunistas insurrecionários, esta forma de pensar é linda. Ela oferece um roteiro de como podemos construir um tipo de máquina-de-guerra que pode destruir o gênero. É por isso que eu não concebo Bash Back! como sendo enraizada na identidade queer. Pelo contrário, entendo-a como um experimento para construir uma constelação ofensiva de posições queers.

Nós somos as pessoas que pretendem destruir a ordem social da qual temos sido excluídas. Nós somos as pessoas que procuram acabar com o nosso encarceramento. Nós

somos as pessoas que odeiam o capitalismo sexualizado (*gendered*) e a heteronormatividade. Nossa posição é hiper-sintonizada com a nossa experiência vivida. Nossa compreensão de nós mesmxs e nossa posição nomeia nossxs inimigxs!

Em um ponto crucial de emergência muito antigo, a mulher estabeleceu-se como existente, em vez de mergulhar o mundo monista do Homem no vazio a partir do qual ela veio. Em outro ponto crucial, o proletariado lutou para garantir sua libertação autônoma da burguesia, em vez de destruir a burguesia e a si mesmo inteiramente.

No estágio definido pela ordem presente, a força queer está se ocupando com a proliferação de identidades em vez de se ocupar com a absoluta negação das mesmas.

Preliminary notes on modes of reproduction
[Notas preliminares sobre os modos de reprodução]

Enquanto perspectivas de fora, talvez só podem ser capazes de compreender a Bash Back! através da lógica da identidade, eu a entendo como uma série de experimentos que visam desfazer as identidades. Da mesma maneira que o

motim em solidariedade à Oscar Grant em Oakland¹⁰ (Califórnia) criou alianças improváveis contra a ordem racial, a Bash Back! também resultou numa sequência de ataques materiais contra todas as posições de sujeito dentro da matriz identitária heteronormativa. Muitxs que começaram seu ativismo com o projeto encontraram-se seduzidxs por sua forma de guerra. Heterossexuais se viram destruindo o gênero ao lado de gender-freaks de todos os tipos. Muitxs encontraram-se a salvo de sua anterior fixação subjetiva à heterossexualidade. Queers e todxs aquelxs designadxs vítimas – no nascimento, envolveram-se em uma prática de recusa à vitimização e ao fazer isto, recusaram o princípio fundamental do seu papel nesta sociedade de gêneros.

A teoria insurrecionária nos diz que um processo insurrecionário é baseado em ataque e experimentação para abrir o caminho para desfazer a sociedade. A teoria queer nos diz que queerizando (*queering*) é um verbo, um processo que eternamente problematiza e desfaz papéis

10 Oscar Grant era um jovem negro, que foi assassinado pela polícia no ano novo de 2009, em Oakland. Na sequência, houve uma série de manifestações e motins em solidariedade à sua família e contra o julgamento corporativista do caso. N. da T.

normativos. Eu localizo a Bash Back! na intersecção destes processos e os compreendo como sendo os mesmos.

Anarquia-Queer Depois do Esquerdismo

Eu comemoro muitas conquistas da Bash Back!, mas para mim, a maior de todas é a forma como a BB! mostra as possibilidades para uma anarquia-queer, que não possui nenhum vínculo com os dinossauros do esquerdismo queer. Queers radicais irão criticar as reformas, o Estado e as ONG's eternamente. E mesmo assim, no fim das contas as suas políticas ainda focam em questões a serem reformadas, diferentes demandas para o Estado, a mesma retórica cansada e a mesma confiança no complexo industrial não-lucrativo. A Bash Back! não se preocupa com nada disso.

Numa forma de tentar articular essa anti-política queer, eu pegarei emprestado rapidamente a introdução do *The Power of Women and the Subversion of the Community* (O Poder da Mulher e a Subversão da Comunidade) de Mariarosa Dalla Costa. James localiza duas tendências mainstream no Movimento das Mulheres dos anos 1970. Por um lado temos os Homens Marxista, que calharam de serem mulheres, e por outro lado, temos as militantes das questões

das mulheres. As mulheres da primeira vertente, simplesmente reiteram a linha do partido, mas sem referências específicas sobre a posição da mulher sob o capitalismo. As mulheres da segunda, focam, aqui e lá, em questões envolvendo as mulheres, mas sem apontar o capital enquanto “uma relação social que lutamos para destruir”. A posição de James, Dalla Costa e outras feministas-autônomas recusam ambas as posições, ao procurar uma análise do capitalismo que é especificamente enraizada na posição das mulheres em seguida, a partir dessa posição, descobrir formas de destruí-lo.

Embora existam fortes críticas a serem feitas às marxistas autônomas também, como as noções essencialistas da categoria de mulher e suas posições dentro do capitalismo, a metodologia autonomista ajuda nesse caso. Na tradição de Selma James, eu gostaria de identificar duas grandes correntes nas ações queers. Por um lado existem anarquistas que calharam de serem queer; por outro lado, pessoas queers que são militantes de questões queers. Para entender a Bash Back! pela primeira perspectiva devemos reproduzir a afirmação da Crimethinc de que tais atividades são “de temática queer” ou apenas ignorar tudo. Para entender a Bash Back! pela segunda

perspectiva deveríamos reduzir às questões específicas e ao teatro de rua alá Gay Shame. Nós recusamos ambas as concepções.

A Bash Back! deve ser entendida enquanto uma tentativa concreta de criticar a sociedade a partir da experiência queer, e então, de encontrar métodos para atacar seus pilares a partir dessa posição. Nesse sentido, a Bash Back! é a resposta queer ao feminismo-atônomo. As experiências podem ser categorizadas em duas estratégias amplas. A primeira: abrir um espaço queer a partir de situações de conflito. A segunda: aplicar estratégias insurrecionárias em lutas cotidianas intrínsecas à vida queer. Exemplos da primeira são os bloqueios queer no encontro do Partido Republicano, as revoltas no G20, ataques em solidariedade com outras lutas e insurreições e etc. A segunda é exemplificada em queers surrando homofóbicos, incêndio na casa de assassinos, disseminação de informação de autodefesa, distribuição de spray de pimenta, okupas e centros sociais queers, baladas queers que terminam com carros da polícia destruídos. A síntese dessas práticas é o início de uma prática vivendo-e-combatendo, que eu chamaria de autonomia queer.

Eu gostaria de reservar um momento pra enfatizar que essa anarquia-queer após o esquerdismo deve também operar uma total ruptura com a lógica ativista. Na época em que seus proponentes originais se afastaram do assim chamado “esquerdismo”, a Bash Back! é um volta ao hiper-esquerdismo. Eu me recuso a ver a vida queer como secundária em relação a política queer. Ao contrário, eu me interesso em documentar, explorar e articular uma anti-política que encara a vida em si mesma como o campo de batalha. Para tal, a Bash Back! teve sucesso em localizar a crise dentro da vida de seus participantes e, atuar materialmente para resolvê-las. Queers precisa de casa, autodefesa, coisas boas e prazer. Consequentemente elxs ocuparam casas, coletivizaram armas e treinaram juntxs, deram a elza pra caramba, organizaram festas, motins e orgias. Nessa altura, qualquer luta que não se relaciona imediatamente com a vida de suas participantes está condenada a irrelevância.

Pode-se ver esse desenvolvimento prosperando até chegar a esse dia: okupas queers, auto-organização de trabalhadorxs sexuais, gangues de rua queer, facção de presxs queer, blocos queers em manifestações de rua radicais, manifestações que vão embora de ocupações ou

reduzem em número quando chegam na festa. Pode-se imaginar formar para se aplicar essas estratégias enquanto cada vez mais aspectos da vida dentro do capitalismo entram em crise. Quando o financiamento para coqueteis de AIDS desaparecem, novas formas de expropriação serão apropriadas. Na medida em que a família nuclear não é mais uma opção para muitos – a crise irá forçar os queers a construir novas formas de existência comunal não-familiares. Um grupo de reacionários começa a se afirmar nas ruas, queers atacarão de volta com novas armas e novas formações de autodefesa. Na medida em que a sociedade se desintegra, nós descobriremos maneiras ainda mais decadentes de impurrar essas contradições e dinamitar as rupturas.

A Verdadeira Virada Antissocial na Teoria Queer

123 – A revolução proletária é baseada inteiramente nessa necessidade: pela primeira vez, a teoria, como entendimento da prática humana deve ser reconhecida e vivida diretamente pelas massas. Ela exige que operários se tornem dialéticos e inscrevam seu pensamento na prática. Por isso, pede aos

homens sem qualidade muito mais do que a revolução burguesa pedia dos homens qualificados, a quem ela delegava sua instalação [...] O próprio desenvolvimento da sociedade de classes até a organização espetacular da não-vida leva pois o projeto revolucionário a tornar-se *visivelmente* o que já era em *essência*.

124 - A teoria revolucionária é agora inimiga declarada de toda ideologia revolucionária, e *sabe que o é*.

Sociedade do Espetáculo

Aquelxs que acompanham a teoria queer acadêmica certamente estarão cientes da auto-proclamada "Virada Anti-Social" na Teoria Queer. Parece que a mais nova tendência dentro da academia queer é concentrar-se na negatividade queer, em criticar a sociedade e recusar as políticas tradicionais. Em um momento em que a própria sociedade está caindo aos pedaços, quando quantidades sem precedentes de seres humanos estão percebendo que para elxs NÃO HÁ FUTURO e estão procedendo de acordo com tal constatação, devemos chamar esta tendência acadêmica pelo seu verdadeiro nome: recuperação.

Algumxs idiotas tentam fundamentar suas teses com base nos motins queers no G20; Judith Butler dando uma conferência sobre “anarquismo queer” na New School em NY; Jack Halberstam buscando valorizar o negativo e traçando a virada anti-social; uma aula na Universidade da Califórnia levando o título “queer criminosx” (ainda que x professor(x) denuncie atividades de insurrecionalistas neste mesmo campus) – umx academicx queer atrás dx outrx se alinha em uma fila para apanharem o trem da negatividade. Cadx umx se apropria da atividade de insurgentes com os fins de consolidação de suas próprias carreiras. Elxs tomam atividade anti-social e a usam para reproduzir a academia como um motor central dessa mesma sociedade. Esta é a traição final. Ao teorizar sobre a atividade da Bash Back!, desejo demonstrar verdadeiros ataques queer contra a ordem social. Fazendo isso, essa coletânea deveria desmascarar aquelxs, para quem a negatividade e revolta são meras questões de imagem.

A Insurreição queer exige que cada umx de nós nos tornemos teóricxs. Mais do que isso, também exige que a virada antissocial, a virada contra a sociedade permaneça nas ruas. Nossa revolta e nossa teoria devem ser inseparáveis de nossas vidas cotidianas. Sendo assim, Bash

Back! pode ser lido como uma tentativa de expropriar a teoria queer da academia e colocá-la a serviço da revolta queer; a fim de dinamitar a distinção entre teoria e vida. Para a organização deste livro, dividimos os textos entre ensaios e comunicados. Em grande medida, esta é uma falsa dicotomia que não descreve com precisão a atividade da Bash Back!, que nunca reconheceu uma distinção entre teóricxs e combatentes. Pelo contrário, a Bash Back! procurou queerizar esta distinção e oferecer uma práxis na qual a teoria está incorporada na própria atividade daquelxs que teorizam. Um livro que declara NÃO HÁ FUTURO oferece apenas palavras. Um motim que declara o mesmo, se mostra como um passo rumo à insurreição.

Morte à Academia!

Tegan Eanelli

Outono de 2011